

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

MARCO RAFAEL LEITE RIBEIRO

VIDA CAIPIRA NA CIDADE DE ITU:

Análise de relatos orais da família Silveira, moradoras do bairro Varejão

Salto
2018

MARCO RAFAEL LEITE RIBEIRO

VIDA CAIPIRA NA CIDADE DE ITU:

Análise de relatos orais da família Silveira, moradoras do bairro Varejão

Relatório final, apresentado a Pontifícia Universidade Católica, como parte das exigências para a obtenção do título de Especialista do curso de Especialização em História, Sociedade e Cultura.

Salto, 11 de agosto de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Antônio Rago Filho (orientador)

Resumo

O presente trabalho busca estabelecer uma comparação entre o modo de vida do caipira, ou também denominado aqui de homem rural, através dos relatos orais colhidos ao longo do ano de 2015 da família Silveira, antiga moradora do bairro Varejão na cidade de Itu, no interior do estado de São Paulo. É feita também uma revisão bibliográfica de autores que já trabalharam com o tema Vida Caipira buscando evidenciar elementos da vida pública e privada do homem do interior.

Palavras-chaves: Caipira; Homem Rural; Silveira e Tempo Livre.

Abstract

The present work seeks to establish a comparison between the way of life of the rustic, or also denominated here of rural man, through the oral reports collected during the year 2015 of the family Silveira, former resident of the neighborhood Varejão in the city of Itu, inland of the state of São Paulo. A bibliographical review is also made of authors who have already worked with the theme Caipira Life, seeking to highlight elements of the public and private life of the man from the interior.

Keywords: Caipira; Rural Man; Silveira and Free Time.

SUMÁRIO

1. Introdução	6
2. O caipira de fato	10
2.1– Um modo de vida. Discussões sobre o termo Caipira.	10
2.2- Usos e alimentação estudado por Antônio Candido.	14
2.3 – O significado das crenças e festas religiosas para o “mundo caipira”.....	16
2.4 - Resgate histórico da Folia do Divino em Itu.....	20
2.5 – A Reza de São Gonzalo.....	23
3. Um dedo de prosa: Entrevista com a Família Silveira	255
3.1 – Relatos de religiosidade, fé e reza na área rural de Itu.....	255
3.2 – Modo de fazer: alimentação, trabalho e vestimentas.	288
3.3 – Breve passagem: linguajar e alfabetização na família Silveira.	31
4. Mudanças e Permanências	333
Referência Bibliográficas	42

1. Introdução

Este trabalho teve seu início como uma pesquisa de conclusão de curso para a graduação de história em Itu. Após alguns anos, com o avanço em pesquisas e incremento de novas fontes e informações, entrego como forma de conclusão de curso da especialização em História, Sociedade e Cultura da PUC-SP. Tal obra está longe de ser terminada e, conforme for avançando nas pesquisas, novas informações serão adicionadas.

Estudar a vida caipira e todo o universo cultural que permeia este modo de vida rústico (como bem definiu Antônio Candido), não é só um trabalho de pesquisa científico ou acadêmico, mas também uma realização pessoal, um tema que traz um sentimento de afetividade para alguém que nasceu no interior do estado de São Paulo, na cidade de Itu, e ali vive, ali constrói sua cadeia de relações, ali constrói sua história.

Ao mesmo tempo, lidar com cultura é um desafio, a começar pela própria complexidade da palavra que, de acordo com a época e o local, pode tomar significados diferentes ou dúbios. E foi com tal preocupação, tentando evitar certas confusões do uso do termo que, ao longo do século XX, historiadores da chamada *New Left* inglesa se debruçaram em pesquisar, debater e explicar a palavra cultura, desde suas origens até as variedades na aplicação prática. Vou destacar aqui, sem querer ser injusto com os demais, dois desses historiadores: Edward P. Thompson e Raymond Willians.

O primeiro desenvolve um estudo da “história vista de baixo”. Contar a história a partir da visão não dos grande nomes políticos, heróis ou quaisquer outros que estampam os livros didáticos e até são consagrados pela narrativa no processo de produção historiográfica (herança de uma visão positivista do século XIX), mas daqueles que por anos foram marginalizados pela história, porém tiveram fundamental importância na construção de desenvolvimento de uma determinada sociedade ou de um determinado acontecimento. Em outras palavras, a preocupação de Thompson era a de contar a história do trabalho industrial pelo operário do “chão de fábrica” e não a partir da visão de seus patrões. E isso Thompson tinha muita clareza, afinal deu aulas para adultos trabalhadores de diversos setores do sistema fabril. Educação, cultura e história caminhavam lado a lado com o historiador britânico.

No texto chamado *E. P. Thompson*, o historiador Hobsbawn escreve sobre as dimensões de seu conterrâneo: “Nos anos 80, Thompson era, de acordo com *Arts and humanities index*, o historiador do século XX mais recorrentemente citado em todo o mundo e um dos 250 mais frequentemente citados de todos os tempos.” (HOBSBAWN, 2001)

Como historiador, o objetivo de Thompson era o de resgatar os excluídos da história dos “imensos ares de condescendência da posteridade”. Como educador, acreditava que aprendera tanto quanto comunicou. Com isso, dava voz aos excluídos, trazia à tona saberes daqueles que estavam nas camadas socioeconômicas inferiores e com isso eram tidos apenas como mão de obra para o trabalho. Thompson acreditava que os movimentos e as formas de expressões populares, ou seja, aquilo que vinham por inspiração do povo, contribuía para o desenvolvimento histórico.

O historiador vai além, em suas pesquisas se preocupa ainda com as peculiaridades (no caso os ingleses) de uma sociedade. Analisa o que as distingue de outras, como atuam seus trabalhadores, quais são suas crenças, como são suas celebrações festivas. Singularidades dentro de uma teia plural é um dos questionamentos da “história vista de baixo”.

Seguindo a linha de pensamento de Thompson, Raymond Williams irá traçar alguns significados de expressões que são utilizadas em estudos historiográficos e que muitas vezes geraram atritos de ideias. Buscarei aqui me atentar para o conceito de “cultura” que, no trabalho que se segue, ora é empregado como sentido de hábitos ou práticas aprendidas e desenvolvidas por um povo, ora é empregado com o sentido de cultivo.

A esse respeito, Williams busca o significado lá no antigo latim, remetendo à palavra *Colere*, que tinha por significação: habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração. Escreve o britânico que: “O sentido primordial referia-se, então, a lavoura, isto é, o cuidado com o crescimento natural”. (WILLIAMS, 2007). Como já foi escrito aqui, deve-se ter uma certa cautela quanto a utilização do termo. Isso ocorre porquê:

Em diversos momentos do desenvolvimento ocorreram mudanças cruciais: em primeiro lugar, certo grau de adaptação à metáfora, que tornou direto o sentido de cuidado humano; em segundo lugar, uma extensão dos processos específicos ao processo geral, que a palavra poderia carregar de modo abstrato. (WILLIAMS, 2007)

Willians afirma que, com o passar do tempo o termo foi tomando diversas proporções e lista três categorias de sua aplicação:

i – o substantivo independente e abstrato que descreve um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético; ii – o substantivo independente, quer seja usado de modo geral ou específico, indicando um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período um grupo ou da humanidade em geral; iii – o substantivo independente e abstrato que descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística. (WILLIANS, 2007)

Pois bem, o trabalho que se segue terá por base as discussões sobre o modo de vida caipira na cidade de Itu, interior de São Paulo que, tendo sido fundada aos 02 de fevereiro de 1610 pelo bandeirante Domingos Fernandes e que tem como uma das bases de sua formação sociocultural a gente caipira. A proposta é uma discussão de uma história contada por um povo de tradição oral, daqueles que não têm seus nomes estampados em grandes livros ou não são lembrados com grandes feitos. Um povo que tem suas peculiaridades e que desenvolve um complexo e rústico sistema de relações sociais.

O trabalho está estruturado em três capítulos, sendo o primeiro uma revisão bibliográfica e análise de aspectos amplos e gerais presentes em discussões já trazidas pela história sobre a vida caipira, sempre tentando trazer para a comparação com aspectos da Vida Caipira em Itu. Intitulado *Caipira de fato*, o primeiro capítulo está subdividido em cinco subcapítulos, destacando pontos específicos como religiosidade, aplicação do termo Caipira, alimentação, dentre outros aspectos.

No segundo capítulo, cujo título é *Um dedo de prosa há a entrevista com a família Silveira* em que serão analisados os relatos orais de membros dessa família que teve sua vivência entre as décadas de 60 e 90 no bairro rural do Varejão da cidade de Itu. No texto, que está dividido em três subtítulos, os entrevistados narraram como eram alguns aspectos de sua vida no campo evidenciando um modo de vida particular do homem caipira do interior do estado de São Paulo. A entrevista foi realizada no ano de 2015.

Por fim, o terceiro capítulo é uma análise das mudanças e permanências destacadas pela historiografia comparada com os relatos da família em destaque. O último capítulo, que pode ser também as considerações finais deste trabalho, se chama *Mudanças e permanências*. Junto a isso, foi realizada uma breve análise da

tela *O Caipira Picando Fumo*, do artista do século XIX, Almeida Júnior, buscando atrelar o Caipira idealizado em tela ao caipira sob a ótica que será aqui retratada.

2. O caipira de fato

2.1– Um modo de vida. Discussões sobre o termo Caipira.

Inicialmente, os grupos culturais que vão participar do que poderia se dizer como o processo de formação do povo brasileiro, são os portugueses e os indígenas. Oriundo da mistura ou miscigenação dos povos mencionados, o mameluco é aquele que tem papel importante na formação do que se nomeia de *Paulista do Interior*.

Como Portugal passava por uma crise financeira no fim do século XV e início do XVI, as terras encontradas e exploradas por colonos seria uma espécie de “salvação”; o Brasil (assim chamado posteriormente) representava o fim de uma crise econômica portuguesa, pois estes viam nas novas terras uma abundante quantidade de recursos naturais, como já foi observado nos primeiros anos da chegada dos portugueses ao Brasil pelos viajantes ibéricos.

A princípio, o principal produto de exploração portuguesa foi o *pau-brasil*. Portugal comprava o produto do Oriente, porém devido as dificuldades externas em comercializar pelas rotas orientais, viu no produto natural encontrado em terras conquistadas uma importante fonte de lucro. Tal fonte de riqueza para a metrópole dura pouco tempo pois, em aproximadamente cem anos já havia esgotado todo o pau-brasil que se encontrava em grande quantidade no litoral.

O interesse maior dos ibéricos nesta terra estava voltado para a procura e extração de ouro e outros metais preciosos. A busca por tais riquezas naturais, levou muitas pessoas, colonos europeus ou mamelucos a se aventurarem pelo interior do território que ainda era repleto por matas e habitado pelos povos nativos. Muitos colonos, proprietários de terras ou não, utilizavam-se da mão de obra escrava nesta busca, sejam eles indígenas ou negros vindos da África que começam a chegar ao território a partir de 1550, estes que também contribuíram e muito no processo de formação do povo brasileiro.

Na extensão de terras que durante o período da República passaria a ser chamado de Estado de São Paulo, antes capitania de São Vicente, devido a pouca quantidade de terras férteis, o que era bastante diferente das regiões do Nordeste, seriam organizadas expedições chamadas de *Bandeiras Paulistas*, nas quais o objetivo seria o de justamente partir em busca de metais preciosos. Porém, como havia uma grande dificuldade em adentrar o território, que hoje é conhecido como São Paulo, devido a existência de acidentes geográficos como as serras ou os rios,

seria necessário, de acordo com a visão destes exploradores (chamados de *Bandeirantes*), a captura de indígenas como escravos para que eles os ajudassem a explorar o território, visto que o nativo conhecia a terra em questão e percorria o território através dos chamados *peabirus* (caminhos que o indígena fazia pelas matas).

O interesse em pedras preciosas e a necessidade em buscar melhores condições de vida fizeram com que os bandeirantes se aventurassem pelo interior paulista e, por onde passavam iam fundando vilas constituindo assim uma moradia seminômade. Alguns se instalavam de forma fixa, em lugares isolados, em que praticavam uma economia de subsistência. Aí é que surge a figura do *kai-ñ-pirá* (habitantes do interior), depois chamado de *caipira*. É muito comum, utilizar-se do termo que, nas palavras do sociólogo. Antônio Candido “*caipira é um modo de vida*” como algo que está fora de moda. Utiliza-se também o termo caipira como espécie de xingamentos, e no senso comum, o caipira é visto como aquele que fala errado e muito disso se dá pelo constante uso do R retroflexo ou até mesmo da troca do L pelo R, dentre outras figuras do linguajar ou dialeto caipira.

Segundo Antônio Cândido o caipira se desenvolve com certo isolamento dos centros urbanos, onde praticara uma economia de subsistência que se apresentará de forma muito semelhante ao modo de vida indígena, porém mesclado com práticas portuguesas. Nos bairros, ou “naçõezinhas” como definiu um caipira em uma pesquisa de Antônio Cândido, as moradias ou os ranchos (como era chamado se referindo ao seu lugar de habitação) eram pobres e, como cita Darcy Ribeiro no livro *O Povo Brasileiro* com “utensílios bastante semelhante aos indígenas, bem como os hábitos de pesca, caça e agricultura”. Outros elementos de destaque que remete ao indígena na cultura caipira é o uso de redes para dormir e na alimentação nota-se a mandioca e o milho como um dos principais produtos na alimentação do caipira. Este “universo de cultura tradicional”, o mameluco desenvolve um sábio uso de seus costumes e do *tempo livre* onde elabora soluções fáceis para grandes problemas; é um meteorologista e agrônomo especializado em que observa-se o desenvolvimento de um conhecimento do meio em que vivia, uma rica herança dos indígenas, sabendo quando suas plantações irão ou não dar resultado, sabe indicar se chove ou se “aparece o Sol”, suas atividades do dia a dia se misturam entre o lazer e o trabalho. Em relação ao tempo livre:

O uso do tempo, de certa forma, é diferente para um e outro lugar. No bairro produz-se o necessário para sobreviver. O tempo livre é amplamente gasto para atividades culturais: a moda de viola, a prosa, o ritual de confecção do cigarro de palha, o treinamento dos toques de pios para caça e tantas atividades que enriquecem o seu “saber fazer”. (DE FRANCISCO, 2004).

As visões que se tem acerca do caipira, são permeadas de diferentes pontos de vista, a maior parte delas de forma pejorativa, e desde muito tempo tais visões vem rondando a mente das pessoas que acabam formando estereótipos desta “cultura singular”. Muitos viajantes europeus que passam pelo território brasileiro ainda sobre o domínio dos portugueses dedicam um tempo, mesmo que curto, a escrever sobre os habitantes do interior. Spix e Martius relatam durante suas expedições ao Brasil colônia, que os paulistas eram melancólicos e de gênio um tanto forte, porém hospitaleiros e francos. Para outro viajante, Auguste Saint-Hilare, ao se referir aos caipiras paulistas diz que são homens apáticos grosseiros e sem nenhum anseio, diz ainda que “parece ser um apanágio das classes inferiores”. Cita o viajante que não cantam, não riem e mantém-se tão triste depois de ter bebido cachaça, como o estavam antes. Claro que a análise desses casos é feita via uma visão eurocêntrica.

Outra ideia deturpada acerca do homem rural é em relação a ser um povo preguiçoso. Vale lembrar que o caipira não produzia para acumular riquezas. A economia era, como já citado, de subsistência e o caipira vivia com “*o mínimo necessário para a sobrevivência*” (CANDIDO, 1987), seu ritmo de trabalho era baseado na natureza e com a chegada da cafeicultura causa uma mudança na vida do roceiro, e de certo modo, na vida rural de uma forma geral.

As fazendas de café constituíram o primeiro grande abalo a cultura caipira, seguidas pelo processo de industrialização. Assim enquanto na cultura caipira produz-se o suficiente para a sobrevivência, e o tempo livre, o lazer, é parte integrante do modo de vida, com as festas, a moda de viola, as prosas, a caça, e as atividades artesanais, nas fazendas o tempo é dirigido essencialmente para a produção de mercadorias e riquezas. Foi essa a origem do rótulo de preguiça colou na figura do caipira e em seu ritmo de vida diferenciado, que alternava períodos de intensa atividade na roça ou na caça com períodos de descanso e lazer. (SETÚBAL, 2005).

Não é que o caipira não gostasse de trabalhar ou fosse preguiçoso, o fato é que gostava de usar o tempo, trabalhando e se divertindo para si, ou para os membros de suas comunidades como é o caso das festas religiosas ou os chamados “mutirões”, quando iriam erguer um rancho para que ele e sua família e

filhos pudessem habitar e ali cultivar. Os membros do bairro, como que estivessem repletos de um sentimento de solidariedade, companheirismo, sentindo que pertenciam aquela comunidade, iam todos ajudar no trabalho, se uniam ajudavam um companheiro no feito, e depois era aproveitado o tempo com comidas, danças, modas de viola, ou seja, se divertiam. Muitas vezes matavam um animal e distribuíam alguns pedaços a certo número de pessoas que depois faziam o mesmo.

Pensando nisso, vale aqui uma citação de Cornélio Pires:

Os caipiras não são vadios: ótimos trabalhadores têm crises de desânimo quando não trabalham em suas terras e são forçados a trabalhar como camaradas a jornal. Nesse caso o caipira é quase sempre, vítima (...). Ânimo não lhe falta, quando trabalha em suas próprias terras. (PIRES, 1991)

Um dos responsáveis por divulgar esta imagem estereotipada do homem do campo como alguém inferior, foi o escritor Monteiro Lobato. No texto *Urupês* ele demonstra claramente um descontentamento e uma visão de forma que inferiorizando os hábitos do caipira.

O cocar de penas de arara passou a chapéu de palha rebatido a testa, o ocará virou rancho de sapé; o tacape afilou, criou gatilho, deitou o ouvido e hoje é espingarda troxadal, o boré descaiu lamentavelmente para pio de inambu; a tanga ascendeu a camisa aberta no peito. (LOBATO, 1918)

Nesse trecho, o autor faz uma espécie de transição entre as transformações do indígena para o caipira; Lobato torna-se um tanto quanto radical quando resolve dizer que o caipira não se preocupa e nem faz questão de se preocupar com os acontecimentos que estão ao seu redor.

Quando D. Pedro I lança aos ecos seu grito histórico e o país desperta estrouvinhado a crise duma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se de novo. Pelo 13 de maio, o florido decreto da princesa e o negro exausto larga num uf! O cabo da enxada, o cabloco olha, coça a cabeça, magina e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo. A 15 de novembro troca-se um trono vitalício pela cadeira quadrienal. O país bestifica-se ante o inopinado da mudança, o caboclo não da pela coisa. Nada o desperta. (LOBATO, 1918)

Tal análise de Monteiro Lobato não leva em consideração o isolamento pelo qual viveu o caipira em ambiente rural. Ainda no texto *Urupês*, o autor segue sua análise ao se referir sobre os hábitos do caboclo:

Seu primeiro movimento após prender entre os lábios a palha de milho, sacar rolete de fumo e disparar cusparada de esguicho, é sentar-se jeitosamente sobre os calcanhares. (...) De noite na choça de palha, acocora-se a frente ao fogo para aquecê-lo, imitado da mulher e da prole. Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, tostas um cabo de foice, fazê-lo noutra posição será desastre infalível. Há de ser de cócoras. (...) Começa na morada. Sua casa de sapé e lama faz sorrir aos bichos que moram em toca e gargalhar ao João de barro. (...) Móvel nenhuma. A cama é uma espipada esteira de Peri posta sobre o chão batido. (...) Nenhum talher. (...) Nada de armários ou baús, a roupa guarda-as no corpo. (LOBATO, 1918)

Principalmente após Urupês, as generalizações sobre os caipiras começam a ser divulgadas de forma muito intensa e diante disso vêm os estereótipos repletos de juízo de valor acerca desta cultura rústica. Diante do quadro de mal julgamento ao qual o homem rural vai sendo submetido, Cornélio Pires escreve *Conversas ao pé do fogo*, obra que debate com as ideias pejorativas de Monteiro Lobato e acaba “defendendo” o caipira. O poeta classifica os caipiras como se fosse uma forma de explicar que não se pode generalizar um por todos e que o comportamento pode variar de acordo com a classificação dos tipos de caipira. Fato é que ao realizar tal análise, ele mesmo acaba de certo modo tendo tendências de visões não muito positivas sobre algum tipo de caipira.

No livro *O modo de vida do caipira em obras de Almeida Junior (2010)*, a professora e pesquisadora *Durce Gonçalves Sanches* explica quem são os tipos de caipira de acordo com a visão de Cornélio Pires.

“O *caipira branco* é aquele de melhor estirpe, descendem do branco europeu. Andam remendado, mas limpo. Pobre, mas com seu pedacinho de terra. Compassivo e paciente. O *caipira caboclo* é o bugre, briguento, valente, mas preguiçoso, além de serem sujos. Pode ser desse tipo de caipira que falara Monteiro Lobato ao retratar a figura do Jeca Tatu. O *caipira preto* é descendente de africano. Considerado pobre ou “um bagaço de gente”. É trabalhador, forte no serviço braçal, porém devido ao fumo e aguardente é levado a tuberculose, o que o leva à morte. O *caipira mulato* são os africanos com portugueses. Não se dá a brigas nem cachaça, é orgulhoso.” (PIRES *apud* SANCHES, 2010).

2.2- Usos e alimentação estudado por Antônio Candido.

A medida que foi havendo a aproximação do meio de vida rural com o urbano, acabou ocorrendo grande trocas que remodelou o modo de vida, valores, comportamentos e mudanças na atuação do meio natural, antes um ambiente isolado que mantinha características bem marcantes das sua localidade, com esse

contato o meio rural sofria influências ficando cada vez mais dependente dos centros urbanos, ganhando uma nova faceta, o uso dos equipamentos domésticos tão característicos como potes de barro, colher de pau, foram sendo substituídos por equipamentos feitos de forma industrial, comercializados nas cidades, que de imediato acabou interferindo nas práticas de ofícios, pois objetos, ferramentas ou utensílios antes feitos de forma artesanal passaram a ser comprados.

Se considerarmos, por exemplo, o equipamento caseiro, não veremos mais gamelas de figueira, as vasilhas de porungas, os potes de barro, as colheres de pau, feitas in loco. A folha-de-flandres, o ferro, a ágata, o alumínio e a louça começaram a lhe fazer concorrência, até as expulsarem de todo até os chapéus e as peneiras de palha, tão fáceis de fabricar, são agora comprados. (CANDIDO, 1987)

Com o surgimento de novos hábitos, nota-se, sobretudo, a agilidade de desaparecimento da utilização dos recursos locais e a quebra da continuidade na obtenção de elementos-chave que norteavam o cotidiano da cultura caipira, remontando toda uma nova forma de atuação com o meio em si, um exemplo que pode ilustrar essa nova situação é a diminuição da utilização de remédios naturais e a medicina caseira que acabam se tornando raros, e passam a ser substituídos por remédios de farmácia mas, é válido lembrar que essas novas situações não são plenas e nem completas, não pode haver a generalização ao analisarmos mudanças culturais, fato esse analisado por Antônio Candido.

Ainda segundo o autor, no o caso da dieta do caipira, podemos relatar a ideia do triângulo básico da alimentação constituída pelo feijão, o milho e a mandioca, plantas que faziam parte da dieta indígena, contudo o modo de preparo e utilização era diferenciado, a dos nativos havia adaptações portuguesas, a mandioca posteriormente foi substituída pelo arroz. Outros alimentos frequentes que ficavam em torno dos alimentos básicos eram: os diversos tipos de abóboras, batatas-doce, o cará e o mangarito com a implantação de leguminosas como a couve e a chicória, também adentraram na dieta do caipira. A obtenção de carne era basicamente feita através da caça, merece atenção o relato de dois velhos informantes transmitido pelo livro de Antonio Candido, *Os Parceiros do Rio Bonito*, onde conta que “já se caçava de propósito, “tinha caboclo que envelhecia sem conhecer o açougue”.

Tais práticas de caça são herdadas dos índios, como o saber das características dos hábitos dos animais e principalmente nas técnicas de captura e

abate da caça. Podemos elencar uma lista de animais que eram caçados para o consumo: aves, pacas, cutias, quatis, porcos-do-mato, cateto. Mas a caça não ficava apenas para obtenção de carne, havia caçadores que faziam apenas por prática ou aficionados perseguiram as onças, gatos-do-mato, passarinhos. Não podemos nos esquecer nesse contexto da alimentação a coleta de alimentos principalmente as frutas no mato e no campo, assim tendo como de preferência a jabuticaba que tem maior destaque, seguido da goiaba, pitanga e banana

2.3 – O significado das crenças e festas religiosas para o “mundo caipira”.

No Brasil, é elevado o grau de complexidade para estabelecer uma característica para a religião. Ainda que o Catolicismo seja predominante no território, dentro da própria religião existem várias formas de expressar essa fé, que pode variar de estado para estado ou município para município e, mesmo dentro do município. Pode acontecer, por exemplo, uma variação na forma de celebrar a fé quando se observa separadamente o meio rural e o meio urbano. Isso sem se falar das demais religiões e crenças que permeiam todo um imaginário e tem como base de explicação a fé, o que torna o nosso país no âmbito de crenças um povo único, diferente, movido por suas tradições religiosas que, em muitos lugares, ainda são passadas de forma oral, o bom e velho diálogo, a observação do “modo de professar a fé”.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, encontraram um povo de hábitos, religiões, modos de se vestir, ou seja, culturalmente bastante diferente do que estavam acostumados na Europa e logo resolveram catequizar aquele povo (os indígenas) para “livrá-los” da situação “pecaminosa” da qual viviam (aqui nota-se o sentimento de superioridade do português em relação ao indígena nativo). Com isso formaram-se as missões jesuíticas ou os aldeamentos. Neste momento é introduzido o Cristianismo, e começa portanto uma adaptação religiosa: do lado português foram buscadas formas de se ensinar a fé cristã aos nativos e do lado nativo a aceitação dessa nova fé como imposição, que na maioria dos casos não ocorreu de forma pacífica (vale lembrar que os portugueses agiam de forma a impor a sua fé, sem pensar se o indígena aceitaria ou não; viam – os portugueses – que estavam fazendo um bem, visto que eram portadores da “verdadeira fé”). Os jesuítas, vendo que os indígenas eram um povo festeiro, gostavam de músicas e danças, logo começaram a catequizar esses indígenas usando tais recursos para que os nativos

pudessem se adaptar e compreender a fé que eles estavam (mesmo que obrigados) aceitando.

Em um primeiro momento, é essa a miscigenação religiosa que acontecia no Brasil no início da colonização (utilizando aqui o termo miscigenação pensando que mesmo que uma cultura tente sobrepor a outra ficariam, mesmo que mínimas parcelas de uma na outra ou da outra em uma).

A partir da metade do século XVI, começava-se a ser trazido para trabalhar no Brasil os escravos africanos. Estes trouxeram consigo uma bagagem de usos e costumes, que também influenciariam principalmente a questão religiosa no Brasil e dariam outra cara ao Cristianismo deste território no “Novo Mundo”. Outra questão interessante em relação aos povos trazidos ao Brasil, é muito comum se generalizar utilizando termos como “os negros vindo da África” ou “os africanos”, quando na realidade vieram povos de diversas etnias, tornando assim esse contato cultural maior (ainda que na Capitania de São Vicente, hoje São Paulo, tenha predominado a vinda de povos de origem Banto – da costa meridional africana). Essa mesma generalização acontece também com os povos indígenas.

Séculos depois, quando começa a produção do café no Oeste Paulista e é incentivada a vinda de imigrantes europeus para o trabalho nas lavouras essas crenças e fés vão se misturar ainda mais e a “troca cultural”, a miscigenação religiosa seria cada vez mais intensa no sentido de “fazer a fé” ou “professar a fé”.

Tanto indígenas, africanos, portugueses ou demais imigrantes (italianos, alemães, espanhóis, japoneses) que vem em um momento posterior para as regiões do interior paulista, deixam suas marcas na religiosidade, deixam suas características em um Catolicismo adaptado ao modo “brasileiro”. É nesse contexto religioso que o caipira desenvolve suas crenças, seu folclore, sua fé e o seu modo de praticar a devoção. Ora notam-se semelhanças com aspectos indígenas, ora com aspectos portugueses, outro momento com aspectos africanos, mas acima de tudo, com a característica caipira de ser, é a “cultura rústica” (como cita Antônio Candido), praticando uma “religiosidade rústica”.

No livro *Uma Cidade Antiga* (1988), Octavio Ianni traz uma bela obra sobre a cidade de Itu, o sociólogo escreve “eram mínimos os bens materiais e espirituais requeridos pelo bairro caipira”. Ou seja, demonstra no trecho que na área espiritual (religiosa) para o caipira, mesmo permeada de toda uma complexidade de elementos mágicos e religiosos de várias origens (como já citado) poderia se

diferenciar de um bairro para outro, e que a fé tinha uma característica de simplicidade onde as rezas, por exemplo, eram utilizadas como modo de cura de doenças, para apaziguar as pessoas, controlar a natureza e mandar embora os azares, dentre outras funções onde a única forma de comprovar se daria certo ou não era tendo fé.

Para o caipira, a religião vinha fortemente ligada com a música. Esses dois elementos se mesclavam tornando o ambiente onde acontecia uma determinada celebração um momento de refazer as relações com a natureza, com o trabalho, com os santos de devoção e/ou os espíritos. Haja vista ressaltar que tanto a música como a religião serviam para criar uma maior aproximação entre os diferentes núcleos familiares.

A festas religiosas eram um modo das famílias caipiras festejarem um santo de devoção de outros bairros. Além disso, faziam (como no caso da Festa Junina) as melhores comidas, cantorias e danças. Outra ligação entre música e a religião que nos demonstra esse sentido de união ou de aproximação entre as famílias era o fato da música ser frequentemente escutada em situações coletivas de diversos afazeres como o trabalho, onde se destacam principalmente em festividades religiosas. As músicas conhecidas como caipiras foram formadas na região chamada por *Paulistânia* e sua originalidade é a partir das músicas trazidas pelos portugueses, depois incorporadas de elementos indígenas e africanos. Inclusive o hábito de tocar em duplas vinha de Portugal onde se chamava duetos ou modas a duo. Outro exemplo é o cururu e a catira, formados do processo de catequese dos jesuítas com os indígenas do século XVI.

Música e religião e suas festividades, juntas ou separadas, tinham para o caipira (e ainda o tem) significados de realizações comunitárias, identidade de um povo e trazem um sentimento de pertencimento. No texto *Música na Terra Paulista: da viola caipira á guitarra elétrica*, Alberto T. Ikeda afirma:

Assim, essas músicas, danças e folguedos tradicionais não podem ser vistas apenas como apresentações artísticas, como espetáculos, pois para os seus praticantes elas são bem mais do que isso. Elas constituem a fonte de guarda da memória afetiva e ancestral e da reafirmação dos valores e dos laços socialmente importantes, e muitas vezes são práticas de puro teor religioso. (IKEDA, 2004).

Tais festividades, seja elas de cunho religioso ou não, vão se diferenciar bastante quando observamos o meio urbano em contraposição do rural. Ainda que

os santos de devoção possam ser os mesmos, o modo de fazer as festas se distinguem. Um exemplo dessas festas é a Folia do Divino, praticada tanto na cidade como no campo, e nas duas localidades se caracteriza por ser uma procissão de um grupo de pessoas que entra em um “pouso” e pede uma “prenda” ao Divino Espírito Santo. Esta festa, também de origem portuguesa, era usualmente formada por membros da elite como fazendeiros ou comerciantes. Tais práticas eram adaptadas no meio rural rústico pela população caipira, onde ocorria uma mudança cultural por fatores diversos, políticos, econômicos ou mesmo religiosos. Como cita Octavio Ianni: “Havia reelaborações de valores e padrões culturais; inclusive a criação de valores e padrões próprios das camadas subalternas”. (IANNI,1988)

As festas religiosas podiam variar a data de acordo com o local onde eram feitas, porém uma que merece destaque é a Festa Junina, como o nome já denuncia, tal festa acontecia fielmente nos meses de junho (hoje muitas vezes é comemorada em julho, chamada de festa julina ou até em agosto, as agostinas) e têm uma característica tão voltada para o mundo caipira que também pode ser chamada de *Festa Caipira*. A festa junina era uma comemoração já praticada desde a época pré-cristã relacionada à produção agrícola em rituais agrários. Esta comemoração foi adaptada ao Cristianismo, quando os devotos fazem homenagens a alguns santos, os de destaque são: Santo Antônio e São João.

Nessas ocasiões, são elementos constantes a fogueira, os fogos de artifício, quadrilha (às vezes com “casamento caipira”), mastro com estampa dos santos, correio do amor ou correio elegante, culinária do ciclo – cuscuz paulista, bolo de fubá, broa de milho, curau, pipoca, pinhão cozido na água, quentão, vinho quente – embora se trate de iguarias que podem ser consumidas em qualquer época. Tais elementos dão a esses eventos uma ambientação “caipira” ou de zona rural. Essa imagem de “festa caipira”, inspirada na figura do caboclo paulista, se difundiu por boa parte do Brasil, com a roupa e os gestos considerados “típicos”, tendo, também, na quadrilha caipira, a sua representação coreográfica. (IKEDA, 2004).

A festa junina ou festa caipira foi adaptada aos santos de devoção de cada bairro ou núcleo familiar caipira. Junto com o simbólico casamento caipira, eram observados elementos de identidade nos quais se nota a influência de outros povos como os indígenas e os africanos. Dentre os elementos podemos destacar o fogo (é realizada uma fogueira), a água, adivinhações e mastro de santos.

Portanto, assim como nas demais festas religiosas, as festas juninas serviam para aproximar as famílias caipiras. Era momento de partilhar a fé e

devoção no santo de outro bairro além do serviço comunitário desde a participação em dinheiro ou com trabalho durante os preparativos das festas, até os comes e bebes, momento que marca e deixa bem clara a união de um povo pobre financeiramente mas feliz por viver em comunidade, onde dança, conta causos, canta, onde pode viver como eles mesmo dizem, em suas “naçõezinhas”.

Vários elementos que caracterizavam essa festa e outras como caipira, desde as lendas folclóricas que além do sentido de identidade se misturavam com crenças religiosas, estão permeadas de “saber fazer” que nada mais é do que a *cultura popular de tradição oral*, tão marcante nesta, como definiu Octavio Ianni, cultura singular.

2.4 - Resgate histórico da Folia do Divino em Itu

Durante muito tempo a cidade de Itu, no interior paulista, foi conhecida como a “Roma brasileira”. Tal título, que até hoje os ituanos se orgulham em carregar, se deu devido à grande quantidade de Igrejas, principalmente de característica barroca demonstrando assim a expressão da religiosidade católica na cidade. No eixo histórico da cidade destacam-se as Igrejas de Nossa Senhora da Candelária (Matriz), Nossa Senhora do Carmo e Igreja do Bom Jesus, ambas do século XVIII. Isso faz com que Itu tenha um calendário religioso bastante ativo. Uma festa que merece destaque é a tradicional Folia do Divino Espírito Santo, festividade que marca (ao menos contam em registros) a religiosidade católica e popular desde o século XIX em Itu.

Vários foram os artistas entre os séculos XVIII e XIX, ituanos ou não, que contribuíram para a produção artística na cidade, deixando maravilhosas obras de arte como é o caso de José Ferraz de Almeida Júnior, mundialmente conhecido por retratar cenas regionais, valorizando aspectos do povo caipira do interior paulista. Outro artista bem interessante é o Padre Jesuíno do Monte Carmelo que pintou o teto da capela mor da Igreja de Nossa Senhora do Carmo e construiu a Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio em Itu, esta que não viu ser inaugurada tendo falecido antes.

Um artista ituano que retratou a Folia do Divino em Itu no século XIX foi Miguel Archanjo Benício da Assumpção Dutra ou Miguelzinho Dutra como era conhecido na cidade. Um notável homem do século XIX que exercia com maestria todas as suas funções: ourives, músico, artista.

Na aquarela de Miguelzinho, observa-se os elementos que compunham (há cerca de dois séculos) a festividade trazida pelos portugueses e aqui no Brasil misturado com elementos indígenas e africanos tendo início no interior de São Paulo e espalhando-se até os dias de hoje pelo restante do país. Na aquarela intitulada Folia do Divino em Itu (1840), nota-se os violeiros entoando a cantoria da Folia (que até os dias de hoje varia a música de acordo com a região que ocorre a festa), a Bandeira do Divino ou o estandarte com a pomba branca da paz simbolizando a terceira pessoa da Trindade segundo a fé católica. Outra característica que chama a atenção é uma peculiaridade da Roma brasileira que eram os desfiles com carros de boi. Os preparativos iniciais para a Folia foram descritos pelo historiador ituano Francisco Nardy Filho no início do século XX, em tom de saudosismo ele lamenta que já naquela época não tinham uma preocupação com a preservação das tradições locais.



Aquarela - Folia do Divino em Itu (Miguel Dutra), déc. 1840

Escreve Nardy Filho no artigo Festa do Divino escrito em meados do início do século XX:

No domingo da Ressurreição, logo após à missa conventual, a Folia do Divino saía a percorrer as ruas esmolando em benefício da festa; o festeiro, ou melhor, o imperador, como assim era chamado, ia na frente levando em uma salva de prata a coroa do Divino, seguiam-lhe as pessoas mais

distintas da cidade, fechava o cortejo uma banda de música; de lado a lado da rua, entrando de casa em casa, iam dois senhores, um levando a bandeira do Divino, outro uma salva onde eram depositadas as esmola; em cada esquina ou cruzamento de ruas o cortejo para a espera dos que levavam as bandeiras e salvas; assim percorria a Folia toda a cidade, se nesse domingo não percorria toda, continuava no domingo seguinte. (NARDY FILHO, 2000)

Ainda sobre os carros de boi, cita o autor:

Na véspera da festa, à 11 horas, tinha lugar a entrada triunfal dos carros de lenha [...]; cada carreiro, cada proprietário de carro de bois, caprichava para que seu carro se distinguisse não só pela sua carga mas ainda pela sua ornamentação. (NARDY FILHO, 2000).

Os carros de boi, tão enfatizados pelo historiador e registrados na aquarela de Miguelzinho, eram em Itu a atração principal da Folia, chegando a ter cem ou mais carros de boi.

Com a sociedade mudando conforme vai passando o tempo, mudam-se também as tradições, assim, muitos elementos passam por ressignificações e recebem influências de outros aspectos de acordo com a contemporaneidade ao qual ela está inserida. Recentemente resgatada em Itu, a tradicional Folia do Divino não conta mais com desfiles de carros de boi, mas conta com toda a energia de fé daqueles que participam e como um importante resgate histórico de nossa cultura.

No domingo de Páscoa é “empossado” o novo Alferes, aquele que carregará a Bandeira do Divino durante sete pousos que ocorrem as sextas-feiras na casa de algum fiel. No dia do pouso, o dono da casa já está esperando os foliões com a altar em homenagem ao Espírito Santo montado. Inicia-se então a cantoria. A bandeira começa a entrar seguida dos violeiros, da zabumba e dos cantores. Após uma sequência de orações e após a bandeira benzer os cantos da casa é feita uma pausa para o momento de descontrair e “prosear” com os amigos. São servidos comes e bebes e tocada as modas de viola. Ao fim de tudo, a Bandeira se despede e se prepara para o próximo pouso na semana seguinte.

O último pouso é o cortejo da Bandeira, ocorre pelas ruas do centro da cidade de Itu. É um momento de muita emoção e fé pois, ao som da música “A Bandeira do Divino” de Ivan Lins é feita a procissão e rezas ao Divino Espírito Santo.

A Folia é de fato uma maneira dos membros de uma mesma sociedade interagirem entre si, momento de união movidos pela fé, momento ao qual todos se

sentem identificados com a força cultural tão marcada na cidade, além de uma ação de fé, a Folia do Divino é também uma tradição, uma identidade cultural.

2.5 – A Reza de São Gonzalo

A música está sempre caminhando junto com o homem do campo, a famosa moda de viola. Ao som da viola caipira e com versos que exaltam a natureza, o dia a dia da vida ou até mesmo uma contação de causos em forma de música, os caipiras se divertem e tornam cada vez mais acentuadas as amizades e contatos com aqueles ao seu redor. Música, portanto, é uma prática do meio rural presente em situações comuns (trabalhos em lavouras e serviços domésticos) ou usada em movimento de fé da cultura popular caipira.

Devoção a um santo, fé em promessas feitas e crenças em superstições são coisas que permeiam o universo rural. Todos esses atos de cunho religioso estão recheados de musicalidade e relacionados com a natureza, os santos e a família. O uso do tempo livre do caipira, atrelado ao saber fazer é em boa parte do tempo voltada para questões culturais e religiosas.

Como meio de agradecer por uma graça alcançada ou até mesmo para fazer um pedido, era encontrada com bastante frequência (hoje bem menos de acordo com relatos de pessoas do Varejão) a Reza de São Gonçalo. Essa reza é na verdade uma dança em homenagem ao santo português (canonizado em 1561) padroeiro dos violeiros, portanto não poderia faltar a moda de viola no decorrer da dança, é também conhecido como santo casamenteiro.

A reza mescla elementos europeus, indígenas e africanos. É montado um altar em que a figura central é o São Gonçalo. Dois violeiros (mestre e contramestre) lideram duas fileiras de pessoas que farão a reza. Detalhe importante é que os violeiros não dão as costas ao santo como sinal de respeito. São rezadas algumas dezenas do terço e orações católicas como: Ave Maria, Salve Rainha e Pai Nosso. A cada reza (chamada de mistério) é entoado o Cururu e os “dançarinos” fazem a volta seguindo os mestres violeiros, entoam o canto e finalizam com a mesura (reverência ao santo.) Geralmente tal festividade acontece aos sábados à noite e é caracterizada pelos comes e bebes após a realização da reza ou durante os intervalos, momentos em que as pessoas ficam à vontade, porém com respeito para com a presença do santo.

Em visita ao Varejão, o senhor João Chagas, conhecido como Claudino, canta uns versos que foram ouvidos durante sua experiência como violeiro na Reza de São Gonçalo:

“Ora viva São Gonçalo
Ora viva São Gonçalo
São Gonçalo já foi padre
Já rezou missa no altar.”

Uma tradição vista ainda nos dias de hoje bem presente no bairro do Limoeiro em Itu é o Cururu. Essa dança que junto com a Catira teria, (segundo Alberto T. Ikeda no texto *Música na Terra Paulista: da viola caipira a guitarra elétrica.*) sido usada no processo de catequese dos indígenas nas missões jesuítas. O Cururu consiste numa série de rimas improvisadas onde participantes disputam, ao som da viola. Já a Catira, é também a moda de viola acompanhada do bater de palmas e sapateado ritmados.

3. Um dedo de prosa: Entrevista com a Família Silveira

3.1 – Relatos de religiosidade, fé e reza na área rural de Itu.

Através de depoimentos de três integrantes de uma família, sendo eles João Aparecido da Silveira (43), José Maria da Silveira (67) e Maria Elisa de Arruda Silveira (65), tendo esses contato direto com o universo caipira, por terem nascido e morado no meio rural durante quase todo o tempo de suas vidas e em dado momento passaram a residir no meio urbano, ainda mantendo contato, bem como hábitos e características do homem do campo, auxiliando na análise das heranças culturais presente nos dias atuais. Dentro desta ótica, será observado à visão dos entrevistados assim como suas experiências principalmente em assuntos como: o “modo de fazer”, a religiosidade, os meios de sobrevivência, uso do tempo livre, dentre outras experiências relatadas pelos próprios entrevistados.

Como já foi dito no primeiro capítulo a cultura caipira está amplamente ligada a questão religiosa, principalmente ao catolicismo, uma das práticas ligada a essa religião é a novena que era feita por diversos motivos e nesse caso em particular o pedido era por chuva como relata Maria:

Reunia para rezar novena, quando o tempo demorava pra chover, reunia tudo os vizinhos, ia na capela fazer novena pra chover porque se não corresse bem o tempo perdia tudo a colheita né, a colheita de milho, a colheita de feijão então tinha que a turma reunia quando tava demorando pra chover, reunia todo mundo na capela lá rezava o terço nove dias pra pedir chuva.

A reza, vista como um ritual para a população rural estava sempre presente em seu cotidiano, o relato citado acima é um dos exemplos das motivações para se realizar uma novena, que tinha como pressuposto a busca da espiritualidade como forma de alcançar uma determinada graça. Ainda no que se remetem as questões de expressão da fé através da reza, podemos observar o seguinte relato dito por José Maria:

Quando morria gente, não eram todos, mas tinha alguns que faziam novena depois da morte, ia naquela casa, rezava nove dias seguidos, então tinha um pouco de superstição, tinha gente que falava que, se fosse no primeiro

dia não podia perder o restante, já era um pouco de superstição, então a pessoa não ia no primeiro dia pra poder perder os outros, então quem ia no primeiro tinha que ir nos outros.

O próprio entrevistado cita ao longo dessa sua fala o termo “superstição” que pode ser entendido como a crença em coisas fantásticas que podem ou não ser eficazes e que estão permeadas por credices seguidas de práticas a serem realizadas inspiradas pela fé. Outro caso relatado pela família, envolvendo crenças e superstições, são as dualidades entre sorte ou azar, determinado acontecimento podia ser visto como algo positivo, outras vezes como algo negativo. Nota-se o relato de Maria:

A turma acreditava muito em ferradura atrás da porta, pois trazia sorte, tinha muitas coisas, gente que sexta-feira fosse começar um serviço, não começava pois não era bom. Visitar um doente na segunda-feira não era bom também, o porque eu não sei, mas tinha gente que falava que na segunda-feira não era dia de visita, se viesse uma pessoa, já ficavam “encucados”. No primeiro dia do ano, mulher não podia fazer visita, porque dava azar o ano inteiro, só homem que podia ir.

Na cultura caipira ituana, religiosidade, superstição e misticismo se misturam no emaranhado de crenças presente na vida no campo. Como se observa no relato de Maria, as rezas, novenas ou outros tipos de manifestações de fé, tinham diversos objetivos, alcançar uma causa, agradecimentos, impedir determinada situação (como no caso de fazer chover) mas também haviam as práticas que se realizadas, acreditava-se em possíveis consequências negativas. Muitas destas crenças e superstições eram derivadas do isolamento da qual vivia o homem rural.

Como não haviam párocos, assim como igrejas, não era possível a realização de missas constantemente, quem organizava a celebração da Palavra eram os próprios moradores, vale ressaltar aqui o aspecto de união e fraternidade existente nos bairros rurais, proporcionando uma boa convivência social. Notável também as peculiaridades no que se remete a realização dessa celebração da palavra, ou “reza”, como eles mesmos chamavam. Na fala de José Maria notam-se esses elementos:

Para fazer reza do primeiro domingo do mês tinha a escolha de duas pessoas para levar alguma coisinha para depois da reza, fazer um licor, fazer pinga, um doce de figo, isso era servido depois da reza, às vezes se alguém quisesse levar um bolo podia, mas a prática maior era a pinga e o licor.

Uma prática da crendice popular realizada é o benzimento, em que não só eram feitas em pessoas, mas também em animais com a intenção da cura, ato muito ligado a superstição que permeava a zona rural. Maria relata que:

Tinha mãe que falava que a criança estava com lombriga, perna curta, falava que tinha “buxo virado”, porque tinha gente que falava que virava o buxo, e falando isso, o pessoal media o local, achava que estava mais curto, dava um “puxãozinho” e fazia uma oração. Cavalo pegava bicho, e por causa desse bicho mandavam o cavalo para o benzedor, ele fez oração e caiu tudo a bicheira. Meu cachorro foi picado por cobra, daí tinha um senhor lá que se chamava Pedro, que logo falou: “pode deixar eu vou fazer uma oração”, tirou a blusa e fez uma oração para o cachorro. O cão chegou em casa “sarado”, não morreu, inchou tudo. Meu avô conta que foi picado por cobra e curou só com simpatia.

Tais peculiaridades nos afazeres, também se faziam presentes nas festas religiosas, as quais no meio rural também eram elaboradas e praticadas pela própria sociedade e acabavam por movimentar e alegrar as regiões rurais. Nos relatos obtidos foram notadas duas festas em especial, a reza de São Gonçalo e a festa de São João. João comenta sobre as festas:

Na festa de São Gonçalo, avisava todos os vizinhos, quem bancava e quem convidava era o dono da festa que ia pagar promessa, e as pessoas que faziam promessas iam para dançar e para cumprir também. Não era só, tinha gente que fazia promessa e fazia a reza. Era feito na casa dele mesmo, quando não tinha espaço se fazia improvisado. Fazia um altar, pegava uma taquara, amarrava flor. A de São João já tinha uma procissão pra levar ele no rio, benzer a água, levava lá as orações que faziam, todo mundo lavava o rosto, era um córrego. A única coisa é que a festa de São João, o povo falava que, depois que terminasse se quisesse virar num baile podia agora o São Gonçalo não tinha essa tradição, o único que podia transformar em outra festividade era o São João depois que levasse ele no rio, depois virava a dançar, já tinha sanfoneiro, agora o São Gonçalo, os intervalos tinha muita viola, daí tinha aquelas duplas que cantavam, no intervalo de meia hora ou mais, rezavam o terço, intercalados com três danças, usava “bate o pé repica”. Interessante que tenho parente que até pouco tempo tocava no São Gonçalo.

Através desses relatos constata-se que há varias maneiras encontradas no meio rural de demonstração da fé, algumas contendo inúmeras particularidades presentes na sua execução, de modo que se torna envolvente essa mescla de elementos que está baseada na religião católica – que vez ou outra entrelaça em uma complexa ligação entre o mágico e religioso. Além disso, como já citado, tais práticas acabam criando um vínculo maior de afetiva convivência do caipira.

3.2 – Modo de fazer: alimentação, trabalho e vestimentas.

A prática da alimentação no meio rural condizia bastante conforme a época do ano, pelas estações das frutas e o que se produzia nas pequenas lavouras era o que a terra proporcionava, conforme cita João:

A gente comia era fruta da época que tinha, quando tinha laranja era laranja, goiaba era goiaba, banana era banana, jabuticaba era jabuticaba, amora... As frutas da época. Legumes não era tanto que plantava, era almeirão na roça, couve, alface quando era época, mandioca, todo tipo de verdura não, tinha agrião quando era verão, quando era tempo plantava bastante, plantava sim bastante o milho verde.

Na questão da alimentação, pode ser completada quando João cita que:

O dia a dia, o café preto com leite, o pão feito em casa, o bolo feito em casa e no almoço, o almoço era época que tinha porco, normalmente era carne de porco que se comia, porco e frango, era o que tinha para comer, carne de boi era eventual, mas o porco e frango era tradição. Eventualmente, quando tinha alguém que matava o boi, era difícil de matar, de lidar, de preparar ele para o bife. O pessoal tinha por opção frango, geralmente o porco, quando se matava era dividido tudo. O hábito que o pessoal tinha lá era diário, comer o caldo de feijão, em vez de fazer o feijão como hoje, sem separar o caldo, separava o caldo pra comer com farinha, então isso era como se fosse um prato de entrada ou de finalizar, era tipo um costume, era o arroz o feijão e o caldo aí eventualmente fazia o caldo de couve, o pessoal as vezes fazia almoço, a janta e a ceia. A ceia era o caldo de feijão que era uma refeição leve de um prato com leite e farinha. O doce de leite era bastante consumido, tinha época que a vaca dava cria, então o consumo era basicamente do que tinha lá, de recursos próprios. É uma alimentação bem saudável.

Havia também um modo naquela região em moravam para a conservação dos alimentos, pois não possuíam energia elétrica e nem eletrodomésticos para tal finalidade, no caso, por exemplo, a geladeira. Quem explica como era feita a conservação é a mãe do João, Maria “Conservava também a carne, se fazia aquela carne cozida e guardava no caldeirão, assim cobria com gordura que a carne tava frita já e ficava dentro da gordura pra não estragar, daí ia esquentando e comendo.”

Outro aspecto levantado na pesquisa oral no referente a alimentação, são os horários que eram realizados as refeições, no tocante a isso João diz:

Quem levava a comida para os pais na roça eram as meninas. Praticamente o fogão a lenha acendia as 5 horas e pouco da manhã e só ia apagar de noite, a janta era as 17 horas, o café da tarde era as 13:30 horas, o almoço por volta das 10 horas, então os horários eram outros. Você percebe que ninguém almoça esse horário hoje em dia, era aquele costume do café da tarde, café cedo, imagine antes das 10 horas o almoço. Faziam os

alimentos tudo fresco, não tinha como guardar, sobrou tinha que dar para o porco ou para o cachorro, sem geladeira não tinha como.

O que condiz com a questão da alimentação através dos relatos obtidos é a relação do que se come com o ciclo da natureza. Havendo também as criações de animais e com os pequenos plantios, em outras palavras, uma economia voltada para a subsistência, desse modo fica evidente que o caipira se alimentava do que ele mesmo produzia, bem como uma dependência do período específico da produção e consumo de cada alimento. Existia naquele contexto uma preferência pela facilidade em criar porco e frango para a alimentação, já carne de boi (como relatado) era mais dificultosa, pois poderia haver perdas devido à ausência de recursos para sua conservação e os devidos cuidados com o animal em sua criação e até mesmo o processo de sacrificá-lo. Percebe-se através das práticas alimentares a coletividade existente entre os moradores do campo visto que quando matavam um animal, especialmente o boi que era mais para ocasiões especiais, dividia-se entre os moradores do bairro.

Os horários da alimentação eram quase que “regrados”, isso porque a família rural pesquisada acordava muito cedo para a lida diária. Trabalhava-se na lavoura, plantando, colhendo, no trato das criações, e por isso era necessário a criação de uma rotina, um cumprimento aos horários de se alimentar, mesmo que tal fato fosse algo natural na casa.

Para o homem do campo, o trabalho começa muito cedo, desde criança já começam a ajudar seus pais nos ofícios e afazeres do cotidiano. José contou que desde 7 anos de idade já estava trabalhando na roça, contudo ressaltou que não era todo serviço que realizava. As meninas ficavam mais em casa, mas sempre ajudavam na roça também. Maria comenta que ela própria ajudava nos afazeres domésticos e no trabalho da roça colhendo café, milho, feijão, tocando vaca no pasto, tirando leite e fazendo queijo.

Outra prática comum de trabalho nos bairros rurais ituanos, eram os chamados “mutirões” (já discutido no primeiro capítulo), que tinham como especificidade o serviço voluntário, tanto na lavoura, em construções ou reparos nas casas. Maria comenta ainda que, quando uma pessoa tinha uma colheita atrasada para terminar, o vizinho ia até o local e ajudava na lida com o trabalho. José endossa lembrando que:

Faziam aquelas casas de pau a pique, então tinha que baldear o barro, que era tudo transada as ripas e tinha que ter um por dentro e outro por fora, e trazer balde, baldear água de longe porque baldeava água do ribeirão. Eu me lembro quando meu pai aumentou nossa casa, foi mais de dez ou doze pessoas para baldear água, com uma vara de pau, “punhava” uma lata “despendurada”, pendurada uma lá e outra aqui no ombro, para poder fazer o barro, depois começava um por dentro e outro por fora. E “brincadeira” o bonito era isso, isso também porque um contava um caso, tinha gente que ia trabalhar, tinha aquele que não ia com aquela vontade, ia para contar história, “brincadeira”. Era um dia trocado que se falava que depois pedia, hoje vinha, e assim eram essas coisas.

Como já citado, os afazeres e o trabalho no campo eram muitos e variados, em muitas ocasiões precisavam do auxílio de uma quantidade maior de pessoas que estivessem dispostas a ajudar. Isso era o sentido de “mutirão”. Que como o próprio José diz, é uma troca, pois quem ajuda em uma ocasião será retribuído em outra, uma ação recíproca. Dados obtidos na entrevista apontam também que o trabalho não era somente restrito as lavouras, muitos comercializavam seus produtos, como o café, por exemplo, havia aqueles que desenvolviam um determinado ofício como a carpintaria, serralheria, entre outros. Quanto a isso, João relata:

A produção de café era cultura, a fonte de renda de todas as famílias era o café, não tinha outra fonte, se o cara vende um boi, não era pecuarista ele vendia um boi era uma renda extra só, mas a fonte de renda que era a produção de café. Hoje não sei, acho que são diversas culturas, hoje no sítio não tem mais a renda lá, não é a pecuária, é nos pequenos comércios derivados, um serviço tipo corte de cabelo. Tem um primo meu que tem serviço de serralheria, que mexe com alumínio, não tinha a necessidade para lá, ninguém usava janela de alumínio precisava de uma tela.

Dentre tantos afazeres, a confecção de roupas, as indumentárias utilizadas eram quase todas confeccionadas pelas mulheres da casa, dificilmente eram compradas pelo motivo de não terem dinheiro, e as roupas eram sempre reutilizadas, eram consertadas e remendadas para aproveitar a peça de roupa que tinham partes comprometidas pelo uso no trabalho diário conforme relata Maria:

As roupas a gente mesmo que fazia, se rasgava, a gente ia e consertava, era difícil ficar comprando roupa nova, então tinha que estar consertando as roupas. Quanta roupa minha mãe consertou, porque trabalhava na roça e rasgava e não tinha dinheiro para ficar comprando.

Mesmo começando a trabalhar cedo, as crianças tinham seus momentos de diversão, nas brincadeiras simples demonstravam suas alegrias e esbanjavam imaginação em uma época e sociedade onde não havia as redes sociais ou os jogos

eletrônicos. Usavam a criatividade na construção e elaboração dos brinquedos, tudo fazendo parte do “modo de fazer” do homem do campo, do caipira. João se lembra de sua infância relatando:

Do tempo de menino, a gente brincava muito e fazia cavalo de pau, brincava com estilingue, essas brincadeiras que hoje não se vê mais, crianças não fazem mais cavalos de pau por aqui, pode ser na região rural ainda se veja alguém, mas hoje, lá a criançada já tem bicicleta, não tem mais aquela graça. Você sabe como é a brincadeira com cavalo de pau? A criança corre com um pau nos vão da perna. Jogava fubeca, fiz muito disso, brinquei muito disso. Isso, nós mesmo que fazíamos, a gente ia andar, atirar estilingue, fazia arapuça para caçar passarinhos.

3.3 – Breve passagem: linguajar e alfabetização na família Silveira.

Não se pode deixar de mencionar as variações do linguajar caipira, dentro da própria cultura. Não é em toda região rural que se fala o R retroflexo, há diferenças de um bairro para outro, como é o caso do bairro Varejão. Em certas palavras, costuma-se colocar uma entonação em determinadas sílabas. João nos conta um caso referente ao assunto:

Usavam algumas expressões do dia a dia, algumas regiões puxam o R outras não. Não é todo caipira que puxa o R, é regional, depende da cultura. No Varejão não puxa o R é um sotaque mais arrastado. Tem uma história, só pra vocês sentirem a diferença no sotaque, dizem que morreu uma pessoa, aí o pessoal passava para se despedir, então davam um beijo, como a fila estava muito grande e o cara queria encerrar logo o velório para fechar, ele falou assim: ‘ “muita gente (ghiente), muita gente (ghiente), quem beijou (beidjou) beijou (beidou), quem não beijou (beidjou) não beija (beidja) mais, vou fechar (fetxar) o caixote (caitxote)”. Era um português mais arrastado, que é o sotaque da nossa terra lá, que é o Apotrebu, Varejão, não é puxado o R, mas o fim da frase é arrastado.

Tal exemplo deixa claro tais variações regionais do linguajar, isso ocorre devido a diferença de influência que cada localidade tem relacionada com o determinado tipo de imigrante que ali se instalou. Segundo o que foi relatado pela família, o Varejão teve forte influência de espanhóis. Era comum, principalmente entre os mais antigos, haver erros na pronúncia de certas palavras, isso ocorria devido também a baixa escolaridade ou a falta dela, muitas vezes pelo difícil acesso que se tinha a escola, ou então pela necessidade de trabalho no campo. A esse respeito Maria frisa o seguinte:

A pronúncia é diferente, como as pessoas não iam para escola, não sabiam muito bem a pronúncia das palavras. Meu pai dizia que dia 24 de agosto era dia “Berto Lameu”, só que na verdade do que ele falava era São Bartolomeu. Meu avô chamava-se Carlos, a turma o chamava de “Carro”, então é a pronúncia, porque não estudou e não sabia o nome certo.

João ainda completa:

Meu avô em vez de falar “lá em cima”, falava “lá em riba”, é um sotaque espanhol, isso aí é alguma mistura que tinha, com alguém ele aprendeu a falar deste jeito. Esse sotaque é só você ouvir as poucas pessoas que falam para você identificar.

As escolas da época no meio rural tinham algumas características peculiares quanto ao ensino, ocorria uma adaptação à estrutura do local. Maria diz a esse respeito:

Na escola, a professora dava aula para três classes, 1º ano, 2º ano e 3º ano, na mesma sala e uma professora só, então tinha 2 lousas, uma lousa era dividida com o 2º ano e 3º ano, e ali ia passando lição pro 3º ano assim enquanto o 1º ano tava fazendo ela tava passando pro 2º ano e enquanto o 2º tava fazendo ela passava pro 3º ano depois voltava corrigir, eram quatro horas de aula. Mas 4 h de aula sem parar. Quanto às crianças, tinha em torno de umas 28 ou 29. Cada um tinha uns 10 mais ou menos, minha professora mesmo dava aula sim, ninguém fazia bagunça na classe todo mundo respeitava, só alguns que iam de castigo, tinha prova, exame para fazer, se não passasse repetia.

Hoje, no que se remete a escolaridade, acontece uma comunicação ampla entre o campo e a cidade. Maria chegou a comentar que nos dias atuais os jovens do Varejão vão a faculdade, existem ônibus que fazem o trajeto para levá-los para as escolas. Ainda comenta que muitos já nem trabalham mais no sítio. Para completar, João faz uma comparação dos recursos presente atualmente na casa de sua tia (moradora do Varejão), como internet, *wi-fi*, energia elétrica, carros, dentre outros, que acabam por aproximar o cotidiano do urbano ao meio rural. Diante disso, João se preocupa em dizer que o sotaque ainda permanece, mesmo que tenha havido mudanças.

O sotaque é um dos exemplos das permanências da cultura caipira nos dias atuais.

4. Mudanças e Permanências

Pensar as tradições e práticas da zona rural é pensar quem são as pessoas que ali vivem. É pensar o modo de vida desse povo e mais ainda, pensar os significados por trás de cada ação e cada manifestação presente no cotidiano do homem do campo.

Muitos foram os escritores, estudiosos, artistas, pintores, dentre outros que tentaram representar de algum modo sua visão sobre o povo do interior. Vale lembrar alguns nomes como: Monteiro Lobato (tendo em Urupês uma interpretação pejorativa do caipira ao criar a figura do Jeca Tatu como um preguiçoso, ignorante e mal-educado); Cornélio Pires com o livro *Conversas ao Pé do fogo* onde caracteriza os tipos de caipira (Caipira Caboclo, Caipira Negro, Caipira Branco e Caipira mulato) como uma resposta a Lobato, entre tantos outros.

Quem nunca se maravilhou observando as belas obras do genial pintor e artista ituano José Ferraz de Almeida Júnior (1850-1899) que, tendo se dedicado a retratar temas diversos em suas pinturas, teve uma atenção e dedicação especial ao homem rural, mostrando para o Brasil e o mundo como viviam de forma espontânea aqueles entre os quais teve também sua raiz. Um dos exemplos é a tela *Caipira Picando Fumo* (1893).

É justamente esse naturalismo que nos encanta nas telas de Almeida Júnior, aproximando obra, autor e povo; contribui para a construção de identidade de uma gente e sua terra, fato importante, pois valoriza aqueles esquecidos ou se não, pouco mencionados pela história geografia e/ou qualquer outro meio erudito.



Caipira Picando Fumo (1,99x1,30m) 1893

Pode-se observar na tela o “saber fazer” tão presente no cotidiano rural. Vê-se que o caipira está picando o fumo, ou seja, ele mesmo fazendo seu produto de consumo, o cigarro de palha. No livro *Modo de Vida Caipira nas Obras de Almeida Júnior* (2010), a professora Durce Gonçalves Sanches sugere que no ato de fumar o seu cigarro, o caipira estaria de certo modo tendo um refúgio ou distração para suas mágoas.

Observa-se a roupa despretensiosa, muitas vezes feita a mão (é comum de se ver até os dias de hoje costureiras que fazem no meio rural vestimentas, panos bordados para cozinha e mantas para dormir). A camisa aberta no peito, calça dobrada pouco acima da canela, palha sobre a orelha para pôr o fumo e pés descalços. Ao fundo, a casa de pau-a-pique demonstrando mais uma vez o aspecto rústico do modo de vida caipira.

Quando um membro de um bairro iria construir sua moradia (como a representada na tela), os outros membros do bairro o ajudavam nos afazeres, promovendo um verdadeiro “mutirão” e ali erguiam o rancho. Tendo finalizada a obra, era feita uma bela alimentação como recompensa pela ajuda e esforço dos outros da comunidade. A prática do mutirão pode ser analisada não só como um momento de ajuda mútua, mas também como meio de estreitar laços afetivos entre os moradores dali e arredores, ficando evidente o sentimento de pertencimento para com o local e identidade com seus habitantes; uma visão cosmopolita no bairro rural, tal como exemplifica Antônio Candido em *Parceiros do Rio Bonito* (1988).

Muitas práticas e tradições do meio rural sofreram mudanças, principalmente com a forte industrialização e avanço do meio urbano no decorrer do século XX. As exigências do capitalismo foram obrigando o caipira a se adequar a um novo ritmo de vida onde o tempo livre foi dando espaço ao trabalho com fins meramente econômicos, e não mais misturando-se a diversão. Por exemplo, o mutirão é uma prática que, segundo relatos de alguns moradores do bairro rural do Varejão em Itu, já não é mais praticada como há anos, dando lugar aos prestadores de serviço vindo dos meios urbanos. (Relatos da família de João Arruda no ano de 2015).

Esse olhar urbano e capitalista, na maioria das vezes, vê o caipira de antigamente e homem rural de hoje com certo desdém de modo que a tendência é a de inferiorizar o observado. O antigo modo de se alimentar de cócoras, por exemplo, é tido com estranhamento, mas vale lembrar que é herança de umas das culturas que contribuíram com a formação de hábitos do povo brasileiro: o povo indígena. Assim como a base da alimentação e cultivo do caipira no interior paulista são o milho, a mandioca, abóbora, o feijão.

Muitos são os elementos indígenas presentes no cotidiano rural. O caipira é um ótimo contador de causos, que muitas vezes não se sabe o que é real e o que é imaginário, mas entre uma anedota e outra garantem a veracidade do ocorrido. Histórias passadas de geração a geração através da oralidade são uma tradição que vem desde os nativos ameríndios.

É natural que muitos hábitos e os diversos elementos de uma cultura sofram alterações com o passar do tempo. Com o caipira não foi diferente. O mundo contemporâneo está bastante voltado para os interesses do capital, e a produção agrícola no campo ocasiona desejos pela sua capacidade produtiva. O avanço do

capitalismo no meio rural proporcionou uma maior integração com o meio urbano, onde o contato e o relacionamento entre ambos são constantes. Este contato proporcionou mudanças significativas e notáveis no caipira, tanto na cultura material como no imaterial.

Há, a partir desse momento, uma necessidade de adaptação do homem rural paulista para que consiga manter suas necessidades básicas de sobrevivências. Antônio Candido é sucinto em *Os Parceiros do Rio Bonito* quando diz que “a vida tradicional sobreviveu até aqui em muitas áreas, embora mais ou menos alterada” (1988). A vida tradicional da qual se refere é justamente a do caipira, a “cultura rústica” – como ele próprio define – do homem do campo, o paulista do interior. Em uma análise das mudanças econômicas, nota-se a seguinte citação do autor:

A marcha da urbanização em São Paulo está ligada ao progresso industrial e conseqüente abertura de mercados; daí a penetração, em áreas rurais, de bens de consumo até então menos conhecidos ou, na maioria, desconhecidos. Surgem assim, para o caipira, necessidades novas, que contribuem para criar ou intensificar os vínculos com a vida das cidades, destruindo a sua autonomia e ligando-o estreitamente ao ritmo da economia *geral*, isto é, da região, do estado e do país, em contraste com a economia *particular*, centralizada pela vida de bairro e baseada na subsistência. Doravante, ele compra cada vez mais desde a roupa e os utensílios até alimentos e bugigangas de vários tipos; em conseqüência precisa vender cada vez mais. Estabelece-se, desse modo, uma balança onde avultam receita e despesa (embora virtuais) – elementos que inexistiam na sua vida passada. Por outras palavras, surgem relações compatíveis com a economia moderna que vai incorporando a sua esfera. (CANDIDO, 1987).

O caipira, portanto, se vê em uma nova esfera, diante das mudanças sociais e econômicas que causam uma proximidade entre o meio urbano e rural, bem como o desenvolvimento de tecnologias e meio de transporte, a vida nos bairros rurais deixam de ter muito de suas peculiaridades, como o isolamento, a relação de trabalho, entre outros (como visto no primeiro capítulo). Nota-se que a produção própria, ou seja, a produção particular, voltada para a subsistência dá espaço para a entrada através da compra e do comércio de produtos oriundos da cidade. Perdeu-se um pouco o aspecto produtor do caipira, este agora é um comprador de produtos básicos de sobrevivência. Isso ocorre claramente devido ao avanço da urbanização e o crescimento industrial em larga escala que o estado de São Paulo passou a ter após a segunda metade do século XX. A partir de então, o caipira se vê como funcionário, vendendo sua mão de obra, trabalhando para terceiros. O fato de ser assalariado proporciona o poder de compra e por sua vez,

acaba deixando de lado seus meios de trabalho tradicionais, vinculados ao serviço doméstico ou a lida com o campo. A esse respeito, observa-se a citação de Antônio Candido quando diz que “os bens de consumo são agora na maior parte obtidos por compra: os que se produziam no âmbito doméstico cedem lugar a substitutos proporcionados pelo comércio”.

Através dos relatos obtidos na entrevista (vide segundo capítulo), a família Silveira mantinha o hábito da cultura do café, como a principal fonte de renda, através disso percebe-se que mesmo em face de este novo meio de trabalho, o assalariado, ainda havia as permanências na produção particular, porém agora essa produção também se voltava ao comércio, ou seja, o café colhido era vendido e não restrito ao consumo familiar.

Tendo em vista as alterações econômicas e de trabalho, estas transformam o uso do tempo livre do caipira, pois o homem rural se vê obrigado “a labutar de sol a sol, todos os dias, ressalvados os domingos e alguma circunstância excepcional” (CANDIDO, 1987). Isso gera significativa perda de traços culturais visto que o uso que se faz do tempo livre é uma característica marcante do caipira. Antônio Candido ainda analisa três modalidades de caipira no que se remete às novas adaptações no modo de vida.

Tomamos para exemplo alguns indivíduos, típicos, distinguindo três modalidades: 1 – o caipira que procura enquadrar-se ao máximo nas novas condições; 2 – o que se apegua à vida tradicional, procurando conciliá-la ao máximo com as exigências presentes; 3 – o que é totalmente incapaz de ajustar-se a estas. (CANDIDO, 1987)

Foi observado através da pesquisa oral que a família Silveira, atualmente morando na área urbana da cidade de Itu, mantém constante contato com o bairro rural do Varejão, comentam que os jovens estudam na cidade, nas casas já se tem acesso à internet e demais tecnologias relacionadas, fato que demonstra a integração entre campo e cidade. Ainda assim, muitos dos cuidados com as plantações e com o serviço doméstico permanecem, mesmo que alterado.

Essas alterações ocorrem devido a novos aprendizados que os mais jovens adquirem, fazendo certa quebra dos conhecimentos obtidos, passados de geração em geração, as gerações mais novas incorporam elementos deste novo contexto e acabam por transfigurar características culturais. A situação está mais

ligada para a necessidade de sobrevivência: ou se adapta as novas mudanças ou passam por sérias dificuldades econômicas.

Tais transformações acarretam outra perspectiva de relação entre o homem e o meio em que vive. No primeiro capítulo foi comentado que o caipira herdou práticas indígenas como a caça, a pesca e cultivo de alimentos como a mandioca e o milho. Nessas práticas não havia uma clara distinção entre trabalho e diversão, visto que fazia do uso do tempo livre do paulista do interior essas atividades. Com as mudanças em vigor, percebe-se que “o meio artificial, elaborado pela cultura, cumulativo por excelência, destrói as afinidades entre homem e animal, entre homem e vegetal”. (CANDIDO, 1987). Temos aí a distinção entre trabalho e diversão, caberia em pesquisas futuras, analisar: o que é o tempo livre hoje para o caipira?

O meio rural contemporâneo recebeu utensílios e eletrodomésticos, estes produzidos na indústria urbana. Isso também causa transformações nas técnicas empregadas no tocante a alimentação. O uso da geladeira para armazenar os alimentos se faz presente, isso vai de encontro a uma das análises do segundo capítulo quando Maria relata o modo de conservar o alimento utilizando a gordura do porco. Isso denota mais um exemplo de transformação no “modo de fazer” caipira. Mas ao mesmo tempo percebe-se que a prática da realização de diversos alimentos ainda se faz presente, como é o caso dos doces de laranja, de figo, entre outros presentes na culinária da família Silveira.

Aqui se observa a permanência da prática da oralidade, ou seja, a transmissão de conhecimentos de pais para filhos através do fazer e aprender. Outra curiosidade foi que durante a entrevista, Maria comentou que ainda utiliza panelas de ferro da época em que a mãe dela cozinhava para a realização dos doces, segundo João, tais panelas tinham mais de 80 anos, comentou ainda que seus pais diziam que as panelas de ferro preveniam das pessoas adoecerem de anemia.

Antônio Candido diz que essas novas relações de trabalho causam uma diferenciação nas posições sociais, pois segundo ele “a incorporação á economia capitalista altera as posições na estrutura tradicional e possibilita a definição de outras, fora dela” (CANDIDO, 1987). Através deste trecho podemos realizar uma comparação com o mutirão, visto no primeiro capítulo e reforçado na fala de José no segundo, onde o entrevistado comenta que hoje em dia quase não há mais tal

prática, isso porque os serviços são terceirizados ou contratados. Portanto as mudanças ocorrem também na área comportamental. A coletividade no meio rural não permanece no sentido amplo como era na infância de José e Maria.

O avanço do capitalismo no meio rural foi possibilitado por muitos fazendeiros ricos que compravam barato as terras, ou em muitos casos até expulsavam os moradores dela para ali plantar com a intenção de obter lucro. “Mas depois vieram os fazendeiros ricos e, como a caboclada era ignorante, foram comprando barato de uns, tomando á força de outros. Tinha gente que chegava e ia expulsando os “cuitadinhos” a pau e tiro.” (CANDIDO, 1987)

Diante disso, foi notado ao longo da entrevista, um tom saudosista quando José se referia ao mutirão, justamente pelo motivo de não ser apenas trabalho, era o momento em que um ajudava o outro e de descontração, pois alguns participantes iam para contar causos e fazer brincadeiras com os demais, demonstrando assim à afetividade existente no bairro.

Á respeito da escolaridade, aquela memória da qual Maria relatou também passou por significativas alterações. Os jovens e crianças do Varejão hoje em dia estudam em escolas da cidade, fazem faculdades, ou seja, têm um contato intenso com o meio urbano. Esse fator vai causando mudanças naquele que pode ser considerado o maior patrimônio imaterial da cultura caipira ituana, que é o linguajar. Segundo João, o linguajar ainda permanece no Varejão, a peculiaridade no modo de falar algumas palavras, como “gente (giente)”, “caixote” (caitchote), “beijo” (beijdo), “chove” (tchove), é notável, mesmo com alterações devido a essa comunicação entre urbano e rural. Uma permanência importante (ainda que muitos tenham vergonha de tal dialeto), pois demonstra uma resistência de tal cultura.

Outro aspecto que faz parte do universo caipira e é extremamente importante analisar as suas mudanças e permanências é a religiosidade. Já foi bastante discutido no primeiro capítulo elementos de festas e tradições religiosas que permeavam o ambiente rural onde, catolicismo e misticismo se mesclavam num emaranhado de superstições.

Se coisas simples de se fabricarem como chapéus e peneiras de palha passaram a ser comprados, as festas religiosas também passaram por transformações. João comenta na entrevista que muitas festas populares já não são mais elaboradas pela própria comunidade caipira, mas sim por uma instituição

religiosa formal, no caso paróquias. Antônio Candido relata fato semelhante em *Os Parceiros do Rio Bonito*:

Voltando a esfera não material, podemos lembrar a já assinalada diminuição e decadência das festas – não apenas as religiosas, como as demais acentuadamente recreativas. Pela informação de todos, havia antes muita dança de São Gonçalo, fandango e samba; a primeira é hoje pouco freqüente, embora se realize em cumprimento de promessas propiciatórias de boa colheita; as segundas quase desapareceram, cedendo lugar ao baile, isto é, às danças de par enlaçado. Vez por outra, ainda se houve falar na quadrilha. (CANDIDO, 1987)

Na pesquisa oral, através da análise da fala dos entrevistados, nota-se que a reza de São Gonçalo é ainda uma festa popular tradicional que se manteve, porém com menos frequência. Se antes era feita de forma constante, para pagamento de uma promessa ou com o desejo de alcançar uma determinada graça, hoje é realizada com menos intensidade e o principal objetivo é o agradecimento por algo conquistado. É uma importante permanência da cultura caipira. Os entrevistados relatam que até pouco tempo, ainda havia parentes que participavam da realização da festa.

Outra festa religiosa que permanece, porém essa com mais alterações do que a de São Gonçalo é a de São João. Maria lembra que no Varejão benziam o rio, ou um córrego com a imagem de São João, havia uma procissão enquanto as rezas eram entoadas. Tudo também elaborado pela própria população. Atualmente, João comenta que a festa ainda se mantém, porém, as características primárias dela estão desaparecendo, ou seja, aos poucos o cunho religioso vai ficando de lado, tomando aspecto de diversão apenas.

Segundo ele é estabelecido “barraquinhas”, onde são comercializados produtos como pastel e refrigerante, o que também destoa do alimento que era consumido na época de tal festividade, como por exemplo o milho. Era muito comum ouvir duplas de moda de viola, hoje, mesmo em festas rurais, o som que se ouve é o som mecânico, e diversos ritmos atuais.

Viver o modo de vida caipira é usar o tempo livre, é fazer e aprender as coisas. As festas que misturam religião, mitos e superstições estão recheadas do “saber fazer”. O que pensar, por exemplo, dos curadores e benzedeiras, que atuam de forma tradicional no meio rural, suas rezas são para atender diversas necessidades como curar doenças, apaziguar pessoas e até controlar a natureza. Dizem que tudo isso funciona mesmo! Pensar nos benzimentos contra espíritos

maus e interpretação de sonhos é pensar em um mundo repleto de aprendizados de diferente natureza.

No mundo do campo existem os astrônomos, conhecedores do tempo; os artistas com seu artesanato feito à mão, em um primeiro momento para o consumo próprio, depois para o comércio; há cozinheiras com seu fogão a lenha que desde muito cedo colocam para aquecer e mantê-lo assim. E pensar que tem até mestres na arte de reconhecer cantos de passarinhos, capazes de produzir sons idênticos aos das aves. E o que dizer do maior patrimônio imaterial deixado pelos primeiros caipiras que é o linguajar, hoje pouco falado seja por influência da urbanização ou por vergonha e timidez. Mas, é só ir aos bairros rurais mais distantes que encontramos o R retroflexo bem marcante no belo linguajar e dialeto caipira.

Com o avanço industrial fica difícil manter algumas tradições. Teoricamente trazendo progresso econômico, as indústrias ditaram novos ritmos de trabalho fazendo com que as pessoas fossem perdendo o tempo livre e conseqüentemente o saber fazer. Isso deu espaço às telas de televisão. Resgatar e trazer a memória da beleza cultural do homem caipira é trazer a memória daqueles que tiveram participação importante na formação cultural do povo paulista do interior, que formaram a gente de Itu, caipiras de fato.

De um modo geral, os fios condutores do primeiro e segundo capítulo serviram para idealizar o que seria as permanências e as mudanças da cultura caipira elencados no terceiro capítulo. Nota-se neste terceiro capítulo que, tanto o aspecto religioso, o econômico (onde envolve o trabalho e o “modo de fazer” do caipira), bem como seu dialeto, se transforma de acordo com o avanço da urbanização e os interesses do capitalismo. O caipira se vê obrigado a adaptar-se ao novo ritmo de vida. Percebe-se uma preocupação com a permanência desta cultura tradicional, que infelizmente vem ao longo do tempo sofrendo sérias mudanças. Manter vivo elementos da cultura caipira, é manter vivo elementos da nossa cultura.

Referência Bibliográficas

ABREU, Marta. **O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Editora 34, 1987.

FRANCISCO, Luís Roberto de. **A gente paulista e a vida caipira**. In: SETÚBAL, Maria Alice. **Terra Paulista**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

GONÇALVES, Durce. **O modo de vida caipira nas obras de Almeida Júnior**. Itu: Ottoni, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

IANNI, Octavio. **Uma Cidade Antiga**. Campinas: Unicamp, 1988.

IKEDA, Alberto T. **Música na Terra Paulista: da viola caipira á guitarra elétrica**. In: SETÚBAL, Maria Alice. **Terra Paulista**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

IKEDA, Alberto T. e FILHO, Américo Pellegrini. **Celebrações Populares: do sagrado ao profano**. In: SETÚBAL, Maria Alice. **Terra Paulista**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

LOBATO, Monteiro. **Urupês: outros contos e coisas**. São Paulo: Nacional, 1943.

MARINHO, Jorge Miguel. **A literatura: do lirismo a anedota**. In: SETÚBAL, Maria Alice. **Terra Paulista**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

SAINT HILAIRE, Auguste. **Viagem a Província de São Paulo**. São Paulo: Martins, 1976, Vol. 2.

NARDY FILHO, Francisco. **A Cidade de Itu: crônicas históricas**. 2. Ed. Itu: Ottoni Editora, 2000.

SETUBAL, Maria Alice (coord). **Manifestações artísticas e celebrações populares no Estado de São Paulo/Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária**, São Paulo: CENPEC, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. (Coleção Terra Paulista: histórias, arte, costumes; v.3).

SETÚBAL, Maria Alice. **Vivências Caipiras**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Unicamp, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **Palavra-Chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.